

O Pedro II e a Tamarineira

Geraldo Pereira

pereira@elogica.com.br

Na noite da posse de Gentil Porto - ancoradouro das fidalguias -, na Academia Pernambucana de Medicina, estava lá o Dr. Antônio Carlos Figueira, empreendedor da saúde pública, como fora o seu pai, o mestre Fernando Figueira, meu professor na sala de aula e na vida, fundador do sodalício que presido. Escolheu aquele momento e aquele lugar, o prédio histórico da antiga Faculdade de Medicina do Recife, para me informar, em primeira mão quase, a feijoada que promoverá no pátio do Hospital Pedro II, reunindo as várias gerações de médicos que por lá passaram. Com isso, certamente, comunicará aos presentes, às centenas de pessoas, imagino, dos planos que tem para restaurar um patrimônio da gente pernambucana, sobretudo daqueles que exercem a ciência e a arte de Hipócrates neste recanto tupiniquim. O evento será a 20 de outubro, logo depois do dia de São Lucas (18), padroeiro da classe.

Talvez não consiga trazer a quantidade de convidados que trouxe a Associação Comercial de Pernambuco, quando em 22 de dezembro de 1859, um ano e alguns meses antes da inauguração do prédio, hoje com 146 anos contados nos dedos, ofereceu um grande baile ao imperador do Brasil: Dom Pedro II. Um gesto político digno de um administrador do comércio, naquele tempo já. E a majestade imperial não deixou por menos, registrando em seu diário: "O novo hospital é obra magnífica e o desejo

de aproveitar o que já está feito, para o baile, por ocasião da minha visita à província, fez com que a obra se adiantasse bastante. Ao menos o baile foi aqui útil, ainda que indiretamente!". É necessário dar visão ao que se faz, mesmo evitando gastos com a mídia e fazendo, como penso que fará, uma vaquinha para cobrir os gastos com o feijão e a farinha. Se mais gente chegar e forem ultrapassados os dois mil convidados que lotaram o baile imperial, mais água se colocará nas panelas fumegantes.

O projeto do arquiteto Jorge Passos dá gosto, preserva os desenhos originais do engenheiro José Mamede Alves Ferreira. Desaparecem as puxadas construídas para acolherem as enfermarias de ensino. Lá estará o pátio central com a sua regularidade estabelecida, de 39 metros de largura e 45,50 de fundo, todo rodeado de arcadas romanas, em número de 56. Naquelas arcadas dos andares de cima, envidraçadas, como chama a atenção Leduar de Assis Rocha, eu parei muitas vezes para apreciar o movimento no jardim, fiando conversa. Aqueles corredores enormes, que terminavam sempre numa enfermaria batizada com o nome de um santo ou de uma santa, acolheram as minhas inquietações dos inícios e os meus momentos de felicidade. Trabalhei na Bom Conselho - enfermaria Nossa Senhora do Bom Conselho, explicou Geraldo Machado, colega daqueles anos e meu chefe. Quase bispo.

Pois é, e o hospital só foi inaugurado a 10 de março de 1861, 14 anos depois de lançada a pedra fundamental. Mas prestou e vai continuar prestando inestimáveis serviços a Pernambuco e a sua gen-

te. Aos alunos e aos professores, sobretudo pelo pioneirismo com que foi marcada, antecipando muita coisa. O antigo Panteon dos Coelhos, como chamava Cosme de Sá Pereira, mais para o Panteon Africano de que fala Raquel Gerber, onde estão as divindades e por certo que os negros fiéis, do que propriamente para o Panteon de Agripa. E se o nosso Antônio Carlos, com seu porte de ministro e o seu jeito de secretário - Benza-te Deus! Diria minha avó -, inaugurar a obra então restaurada no dia 10 de março, segura a tradição ainda mais.

Enquanto isso, pretendem levantar um shopping center nos 9,4 hectares (três vezes o parque da Jaqueira) do Hospital Ulysses Pernambucano, a velha Tamarineira. Uma bordoadá forte na história da psiquiatria, nascida ali nos idos de 1883. E uma considerável perda em termos de área verde, de que tanto necessita a cidade e o mundo, em tempos assim, de aquecimento global. Ali pontificou Ulysses Pernambucano, o pai da ciência do comportamento no Recife e no Nordeste, o precursor da chamada psiquiatria social. E lembrar que um cronista da época escreveu: "Falta um bom quintal para o recreio dos loucos...". Só ressuscitando para ver e para crer. Ou só chamando o superintendente do Imip, para mostrar a receita e apontar as despesas. Ou ainda, só convocando o vereador Luiz Helvécio, defensor do patrimônio da cidade e das árvores.

Deixem em paz o Pedro II e a Tamarineira. O histórico e o ecológico.

»» Geraldo Pereira é professor da UFPE